

A importância da cultura de mangaba como patrimônio de Sergipe: dos saberes tradicionais ao turismo de base comunitária

The importance of Mangaba culture as **heritage** of Sergipe: From traditional knowledge to **community based tourism**

LILLIAN MARIA DE MESQUITA ALEXANDRE * [profa.lillian@gmail.com]

Resumo | Em uma atividade como a do turismo, elementos como os encontrados no meio ambiente são de suma importância para a sua existência, pois é o atrativo natural e cultural seus maiores motivadores para o deslocamento de pessoas. Assim, a necessidade de transformar os espaços de forma adequada, se enquadra na proposta da sustentabilidade que o turismo almeja e por isso, é necessário o planejamento. Em Sergipe, há um movimento denominado Catadoras de Mangaba, que visa alcançar a organização de associações nos sete municípios onde são realizadas suas atividades: Japoatã, Estância, Indiaroba, Barra dos Coqueiros, Pirambu, Japarutuba e Itaporanda D' Ajuda. O estudo objetivou perceber a importância da mangaba na cultura local como patrimônio de Sergipe, fomentando um recurso para o turismo de base comunitária. Especificamente, buscou identificar, nos saberes tradicionais, as práticas e tradições possíveis nas comunidades em que o movimento atua. A pesquisa utilizou-se da pesquisa bibliográfica, documental e exploratória para embasar a discussão e do relato de experiência na associação das catadoras da mangaba de Estância, povoado Abaís, e como recurso para descrever as análises do universo da amostra e como resultado, a associação entre o TBC, a sustentabilidade e a motivação das senhoras que fazem o movimento Catadoras de Mangaba, para a preservação do espaço de atuação do movimento.

Palavra-chave | Catadoras de mangaba, turismo de base comunitária, saberes e fazeres, comunidades tradicionais

Abstract | In an activity such as tourism, elements such as those found in the environment are of paramount importance for its existence, since it is the natural and cultural attraction that is its greatest motivator for the displacement of people. Thus, the need to transform spaces appropriately, fits the proposal of sustainability that tourism aims for and therefore, planning is necessary. In Sergipe, there

* **Doutoranda em Geografia** pela Universidade Federal de Sergipe. **Professora Adjunta I** no Curso de Turismo da Universidade Federal de Sergipe. **Pesquisadora** do Grupo de Pesquisa ANTUR – Antropologia e Turismo e Observatório Político de Turismo. Orientada pelo Prof. Dr. Hélio Mário de Araújo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe. **Pesquisadora** "bolsista da CAPES no Programa de Pós-Graduação em Geografia PPGEO/UFS/Faculdade de Economia e CIEO – Centro de Investigação sobre o Espaço e Organizações, Universidade do Algarve

is a movement called Catadores de Mangaba, which aims to achieve the organization of associations in the seven municipalities where they are carried out: Japoatã, Estância, Indiaroba, Barra dos Coqueiros, Pirambu, Japarutuba and Itaporanda D 'Ajuda. The study aimed to understand the importance of mangaba in the local culture as heritage of Sergipe, fomenting a resource for community based tourism. Specifically, it sought to identify, in traditional knowledge, the possible practices and traditions in the communities in which the movement operates. The research was based on bibliographical, documentary and exploratory research to support the discussion and the experience report on the association of the Estância mangrove collectors, Abaís settlement, and as a resource to describe the analysis of the sample universe and, as a result, the association Between the TBC, the sustainability and the motivation of the ladies who make the Catadores de Mangaba movement, for the preservation of the space of action of the movement.

Keywords | Mangaba catadores, community based tourism, knowledge and tasks, traditional communities

1. Introdução

Entendemos que o turismo, como impulsionador do desenvolvimento local, que faz com que ocorram transformações espaciais diversas e necessita de uma melhor adequação da atividade, quando implantada, (partindo do pressuposto de que houve um planejamento) na localidade em que está inserida. A história local é um importante atrativo para intensificação de demanda e ampliação de oferta de destino, por isso importa promover melhorias contínuas não só para a população local, mas também para a recepção de visitantes.

O interesse da exploração turística de determinadas manifestações culturais como gastronomia, dança e artesanato, entre outras, deve-se a potenciais fatores de originalidade do local e de divulgação consistente das mesmas por meio da imagem que se queira projetar. No caso de atrativos turísticos, sua concepção está centrada em manifestações locais.

De acordo com Andrade (Andrade, 2005 citado por Raykil, 2005, p.2), o turismo “é um fenômeno social, complexo e diversificado” tanto que, devido a sua abrangência, hoje não se idealiza o turismo apenas como atividade de lazer, mas também per-

mite a inserção de novas formas de analisá-lo, mobilizando pessoas pelos mais variados motivos para os mais diversos destinos. É fundamental que se esclareça que esta discussão parte da interpretação do turismo não apenas em sua vertente de mercado, mas, principalmente, como fenômeno social complexo da contemporaneidade.

Segundo Cavalcanti e Hora (Calvancanto & Hora, 2003 citado por Rejowski & Costa, 2003, p.222), “o crescimento da atividade turística tem feito surgir novas modalidades e novos nichos de mercado”, favorecendo a necessidade de uma maior integração entre teoria e prática para poder coexistir tais modalidades. Isso faz com que seja possível um redirecionamento para atividades como o Turismo de Base Comunitária.

Compreendendo o turismo como uma das atividades chave da modernização contemporânea, que privilegia relações sociais típicas da sociedade de consumo, é preciso encontrar estratégias para lidar com esse uso e cuidar para que as comunidades não acabem se perdendo no discurso da “geração de emprego e renda” que o turismo traz no seu discurso.

Considerando que o turismo, em qualquer de suas formas de expressão e intervenção, interfere

na dinâmica sócio ambiental de qualquer destino, o turismo de base comunitária só poderá ser desenvolvido se os protagonistas deste destino forem sujeitos e não objetos do processo. Neste caso, o sentido de comunitário transcende a perspectiva clássica das “comunidades de baixa renda” ou “comunidades tradicionais” para alcançar o sentido de *comum*, de *coletivo*. O turismo de base comunitária, portanto, tende a ser aquele tipo de turismo que, em tese, favorece a coesão e o laço social e o sentido coletivo de vida em sociedade, e que por esta via, promove a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento.

Assim, o estudo objetivou perceber a importância da mangaba na cultura local como elemento no patrimônio do Estado de Sergipe, fomentando um recurso para o turismo de base comunitária e isso poderá consolidar o lugar enquanto atrativo turístico sustentável, além de especificamente, identificar, nos saberes tradicionais, as práticas e tradições possíveis nas comunidades em que o movimento atua.

Utilizou-se como recurso metodológico a pesquisa bibliográfica e documental e exploratória para embasar a discussão e do relato de experiência realizado junto ao município de Estância, pontualmente na associação das catadoras de mangaba no povoado Abaís. Como recurso para resultado, a associação entre o turismo de base comunitária, a sustentabilidade e a motivação das senhoras que fazem o Movimento Catadoras de Mangaba, utilizando-se do registro fotográfico como instrumento para captar a realizada da pesquisa em questão e para a preservação do espaço de atuação do movimento. “Cada localidade é ímpar no que oferece e, sobretudo, como oferece”, afirma Mielke (2009, p.13), pois são costumes e tradições locais que as qualificam como únicas, e sua preservação constitui-se nos maiores legados em que se insere a atividade turística. É uma visão

que justifica todo e qualquer esforço no trabalho comunitário.

A mudança no entendimento sobre o desenvolvimento local e a relação do homem com a natureza, mostram o quanto é importante o encadamento destes até chegarmos ao fomento do turismo nas localidades, pois é o saber do povo, que não é o científico neste momento, reflete sobre as diferentes formas do saber, estabelece paralelos de verificação e aguça a observação sobre as manifestações destes saberes. É preciso, assim, conhecer tais formatos de saberes e não o saber intelectual posto, muitas vezes, por nós pesquisadores as comunidades pesquisadas.

Assim, a necessidade de transformar espaços deve ser um elo sustentável para a atividade e não o contrário, pois sem o atrativo natural e cultural e sem o saber tradicional, não há turismo sustentável e isso é possível entender quando o uso é abusivo destes espaços e o turismo acaba sendo um transformar inadequado das localidades e de seus povos.

2. O movimento Catadoras de Mangaba e o Turismo de Base Comunitária: entrelaçando possibilidades

Em Sergipe, há um movimento denominado Catadoras de Mangaba, que visa alcançar a organização de associações nos sete municípios onde são realizadas suas atividades: Japoatã, Estância, Indiaroba, Barra dos Coqueiros, Pirambu, Japarutuba e Itaporanda D’ Ajuda. Procura-se, assim, incentivar a multiplicação dos conhecimentos adquiridos; o aumento da capacidade de produção e da comercialização dos produtos da mangaba (trufa, bala, licor, geleia, mousse e biscoito- Figura 01), e a orientação para a construção de secadores solares que beneficiarão as frutas, por exemplo.



Foto: Alexandre, Lillian 2016

Figura 1 | Exposição das Catadoras de Mangaba e produtos no SIMPOLITUR2016/Aracaju/Se

E esteve sob patrocínio do programa Petróbras Desenvolvimento & Cidadania desde 2011, em parceria com a Universidade Federal de Sergipe e apoio do Movimento das Catadoras de Mangaba, tendo como objetivo contribuir para o fortalecimento e sustentabilidade das comunidades extrativistas, por meio da difusão de tecnologia social e auto-organização dos grupos. Busca atender diretamente a 600 Catadoras de Mangaba e, indiretamente, a 1.357 famílias que trabalham em terras devolutas ou de terceiros. As linhas de ação do projeto são geração de renda e oportunidade de trabalho. Os temas transversais são gênero, igualdade racial e comunidades tradicionais. Com isso, foi possível perceber as fortes parcerias para que o projeto viesse a ser executado com propriedade nas comunidades e dessas condições para que as participantes se sentissem seguras para pôr em prática seus saberes e fazeres outrora já desenvolvidos iso-

ladamente, mas que a partir de então, poderiam pensar em se organizarem e produzirem como qualidade, pensando na permanência da sua prática e na geração de uma sustentabilidade real nas comunidades em questão¹.

Uma vez que para Bauman (2003, p. 7) “Comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante” e esse lugar, para Souza (2013, p 113), não é a dimensão do poder que está em primeiro plano ou que é aquela mais imediatamente perceptível, diferentemente do que se passa com o conceito de território; mas sim a dimensão cultural-simbólica e a partir daí, as questões envolvendo as identidades, as intersubjetividades e as trocas simbólicas, por trás da construção de imagens e sentidos dos lugares enquanto espacialidades vividas e percebidas, dotadas de significados (Figuras 02 e 03).

¹Acedido em 13 em abril de 2015, <http://www.catadorasdemangaba.com.br/1er.asp?id=5&titulo=conteudo>

Figura 2. Produto mangaba embalado e *in natura*

Foto: Alexandre, Lillian 2014



Figura 3. Produtos para comercialização

Foto: Alexandre, Lillian 2014

No momento em que esse produto é cooptado pelo turismo e seu aspecto econômico, há uma massificação das atividades e muitas vezes, as envolvidas não acompanham esse processo, pois a realidade delas, entre o trato com o produto e a venda, diverge com a demanda de turistas (Figura 05), pois muitas vezes, as mesmas precisam “baixar os preços para agradar aos turistas, que acham caro uma bala por 1 real. É desmerecer nosso trabalho” Senhora A (Catadora na Praia do Abaís/Estância, 2015). Ou ainda, não conseguem obter o lucro devido, pois “há tantos atravessadores” Senhora B (Associação de Catadoras de Mangabas de Estância, 2015). Ou ainda, “com a re-

dução dos espaços de cata das mangabas [porque você sabe que o fruto se cata do chão né? Quando está bom pra gente é esse do chão], o que antes a gente fazia gratuitamente, agora os donos das fazendas estão cobrando. Não é justo!” Senhora C (Associação de Catadoras de Mangabas de Estância, 2015). Tais diálogos foram espontâneos, no momento dos registros fotográficos elas iam pontuando naturalmente suas angústias e necessidades, demonstrando assim, quão difícil é o processo entre o fenômeno econômico do turismo e a sustentabilidade da geração de renda para as senhoras.



Foto: Alexandre, Lillian 2016

Figura 4 | Venda da mangaba nas rodovias do litoral de Sergipe. Caminho para praia do Jatobá, município de Barra dos Coqueiros, litoral norte

Afirma Beni (2006, p. 50) “o produto cultura, a partir do momento em que expressa um valor econômico em razão da existência da demanda turística, assume todas as formas possíveis de um produto de mercado” e é nesse momento que é importante planejar a atividade turística de forma sustentável, além da necessidade de preservação dos rituais, saberes e fazeres das catadoras para que as gerações futuras possam continuar com as bases culturais.

Por isso, ao verificarem que as mangabeiras, reconhecidas como árvore símbolo do Estado de Sergipe, conforme Decreto Lei nº 12.723 de 20 de janeiro de 1992, estavam sistematicamente sendo arrancadas pelos projetos imobiliários e de monocultura, ou mortas pelos venenos derramados pelos tanques de carcinicultura, as mulheres reunidas no I Encontro das Catadoras de Mangaba de Sergipe, em 2008, decidiram levantar sua voz e, com ajuda de pesquisadores e das Quebradeiras de Coco Babaçu do Maranhão². Isso mostra a forma da união associativista para que o processo de fomento local possa ocorrer, pois, “as pessoas das comunidades não aprenderam a viver, a sonhar, a participar; enfim, criar”, afirma Beni (2006, p. 63) e isso acaba interferindo no processo de formação das redes (associações), tão necessárias em um mundo dinâmico e informativo, uma vez que, o espaço social da comunidade, que é formada por um sistema de atores que participam de processos, atividades e ações são imprescindíveis para que o desenvolvimento do turismo possa ocorrer de forma participativa.

3. Comunidades locais na formação do Turismo de Base Comunitária: saberes e fazeres intuindo no TBC

Pensar as atividades turísticas como promotoras do desenvolvimento na região onde se estabele-

cem requer, então, conceber modelos que busquem a superação das privações de liberdades que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas e comunidades que tem seus modos de vida situacionalmente afetados pela implantação dessas novas práticas. Isto implica pensar uma política de turismo integrada a uma política de desenvolvimento mais ampla, cujo foco deve estar na inclusão social por meio da afirmação da identidade cultural e da cidadania como suporte da ampliação do exercício efetivo de liberdades substantivas.

O turismo alternativo de base comunitária busca se contrapor ao turismo massificado, requerendo menor densidade de infraestrutura e serviços e buscando valorizar uma vinculação situada nos ambientes naturais e na cultura de cada lugar. Não se trata, apenas, de percorrer rotas exóticas, diferenciadas daquelas do turismo de massa. Trata-se de um outro *modo de visita e hospitalidade*, diferenciado em relação ao turismo massificado, ainda que porventura se dirija a um mesmo destino (Bartholo, Sansolo & Bursztyn 2009).

Esse turismo busca respeitar as heranças culturais e tradições locais, podendo servir de veículo para revigorá-las e mesmo resgatá-las. Tem centralidade em sua estruturação o estabelecimento de uma relação dialogal e interativa entre visitantes e visitados. Nesse modo relacional, nem os anfitriões são submissos aos turistas, nem os turistas fazem dos hospedeiros meros objetos de instrumentalização consumista. Pois, a “cultura é o acervo de valores artísticos [...] ela é a própria alma de um povo, posto que dá vida a uma civilização [...] os valores culturais eram considerados como riquezas encerradas em um depósito obscuro”, afirma Borba (2006, p. 13) e isso reforça a importância da compreensão cultural para as catadoras de mangaba do processo entre fazer a “cata” da mangaba se transformar em um produto turístico, pois é nesse momento em que o saber fazer passa a ser usado como instrumentos dos sa-

²Acedido em 13 em abril de 2015, <http://www.catadorasdemangaba.com.br/>

beres das comunidades para o fomento econômico local.

Ora esse saber, está relacionado a valorização do solo com o rico potencial da natureza, o que compreende que o homem é um ser de racionalidade e de relacionamento, que busca em seu conhecimento, erudito ou não, ferramentas para a transformação do meio ambiente, de construtor de sua história e de seu destino e ainda, detentor de um saber único, pois perpassa por sua experiência de vida e dos “repasses” familiares ao longo de sua existência (Borba, 2006).

Assim, entende-se que esse saber integra a cultura subjetiva, uma vez que é considerado como algo que pertence a um sujeito determinado e que vem se sobrepôr a um dado conteúdo [...] em outras palavras, entende-se cultura como um modo de viver, transformar a realidade e superar as diferentes situações, e é exatamente nesse momento que o saber se faz presente em todo o processo de transformação do produto cotidiano em produto turístico. E se faz necessário o cuidado nessa “transformação” nesse momento, pois, como ocorre demasiadamente no setor de turismo, os impactos são significativos, quando só se almeja o aspecto econômico do mesmo. É aquele momento em que os discursos “geração de emprego e renda” se fazem presente (Borba, 2006).

Dentre os desafios e obstáculos para a construção de práticas turísticas de base comunitária, a participação da comunidade local é reconhecidamente um elemento crucial (Beni, 2003; Coriolano (Org), 2009; Irving, 2002; Sansolo, 2009; Hall, 2001). A gestão democrático-participativa de práticas turísticas sustentáveis é um processo contínuo de aprendizagem (Beni, 2006), que tem no grau de comprometimento da comunidade a garantia de sua continuidade. Essa modalidade de turismo converge com a proposta de:

um *desenvolvimento situado*, que enfatiza a dimensão simbólica dos padrões relacionais e afirma a plurali-

dade. Dar sentido à coordenação e à atuação dos atores da sociedade civil requer afirmar seus vínculos com *espaços vividos*, onde a racionalidade se constrói *in situ*, tendo por horizonte a constituição de novos saberes e formas de ação que considerem as contingências qualitativas de cada meio. (Zaoual, 1998, p. 65)

O turismo de base comunitária, enraizado em um processo *situado* de desenvolvimento, é uma modalidade do turismo sustentável cujo foco principal é o bem-estar e a geração de benefícios para a comunidade receptora.

“Observa-se que o esse turismo é uma estratégia que vem sendo implementada por diversas comunidades tradicionais, com valorização de seus diferentes modos de vida”, reforça Vieira (Vieira & Almeida, 2010, p. 273), pois a convivencialidade é uma relação social que se interessa pelo outro, pelo diferente, pela alteridade, pela autenticidade, respeitando a simplicidade dessas comunidades, suas rotinas, seu jeito de falar, cantar, dançar, comer, entre outros, exigindo dela uma mudança de postura diante do turismo, ou seja, não mais do ser “explorado”, mais agora, do protagonista das ações e etapas do processo (Vilar & Araújo, 2010).

Entender no Projeto Catadoras de Mangaba a possibilidade de organizar a comunidade para o turismo é estabelecer uma aliança entre interesses econômicos locais e não locais, objetivando atribuir uma relevante importância na valorização das questões culturais e ambientais que cercam o grupo, como os saberes e fazeres inerentes a produção gerada pela cata da mangaba.

Além disso, a mangaba nativa garante a sobrevivência de dezenas de comunidades da região costeira do Estado. No entanto, a especulação imobiliária, a carcinicultura e a monocultura são desafios que estão comprometendo as vidas de milhares de pessoas não somente sob o aspecto da segurança alimentar e nutricional, uma vez que a

maior fonte de renda dessas famílias é proveniente das atividades extrativistas, mas também cultural.

No momento em que se propõe turismo de base comunitária na localidade, é preciso resgatar as essências dos saberes e fazeres da comunidade, pois é exatamente esse o grande diferencial competitivo neste cenário desenvolvimentista apresentado por Becker (1999), Cara (1996) e Beni (2001) e que leva a uma análise em que os produtos culturais gerados vão muito mais além do simples poder de venda desses produtos.

Imagine se nas comunidades em que as catadoras de mangaba estão desenvolvendo seu trabalho, não há um repasse desses fazeres ao longo das gerações? Como iriam ficar tais comunidades, aonde a relação de troca é muito menor do que o poder de comprar, estimulados no capitalismo atual. Entendendo que essa relação está associada ao estímulo financeiro ligado aos produtos.

É preciso estimular que tais atividades sejam levantadas e estudadas pelas crianças nas próprias comunidades e que tais relações de apropriação seja uma relação natural entre as famílias, pois é desta forma que o TBC poderá contribuir para que o atrativo cultural local seja fomentado de forma sustentável e coerente com o pensar local, pois é neste estaque de sensibilização que o TBC irá promover um turismo de fato sustentável.

4. Considerações finais

O projeto das catadoras de mangaba surge como um grande instrumento para que o TBC possa realizar as ações de cunho sustentáveis nas localidades e promover um turismo mais sólido, sem relacioná-lo a apenas as questões mercadológicas, como dita o contexto capitalista, promovido no desenvolvimento marxista atual.

Entender, porém, que este viés perpassa pelos saberes e fazeres dessas mulheres e que a sua prática deve ser preservada, assim como a árvore

da mangaba, são a riqueza do entendimento que se faz necessário para estimular o surgimento de um turismo sustentável de fato e que as bases devem começar, não só com a implantação do TCB, mas primeiramente pelas mulheres que fazem parte desse movimento.

A dinâmica social e a cultura estarão sofrendo constantes ataques, pois a exploração da terra e a especulação imobiliária já fazem parte dessa realidade em que as catadoras estão envolvidas, mas não se pode perder de vista a importância desse projeto para a manutenção desses espaços, aonde à cata pode ser realizada e o fruto ser o instrumento para a melhoria das condições de vida das famílias.

A preservação do fruto já é um grande avanço, assim como a organização das mulheres em cooperativas e associações, mas o turismo deve ser fortalecido e nunca dividir essa unidade, pois quando ele vier a se tornar uma prática pontual nessas comunidades, ele poderá servir de base para que as mesmas continuem tendo acesso à terra e consequentemente, apresentando produtos de qualidade para que sejam inseridos como atrativos turísticos. Além disso, instigara a autoestima nas mulheres, servindo de motivação e contribuição para a preservação dos saberes e fazeres entorno do fruto da mangaba, de geração para geração.

Referências

- Andrade, J. V. de (2005). *Turismo: fundamentos e perspectivas*. 8ª ed. São Paulo: Ática.
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo*. Tradução Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bartholo, R.; Sansolo, D. G. & Bursztyn, I. Org (2009). *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. BRASIL.
- Bartholo, R. (2009). Sobre o sentido da proximidade: implicações para o turismo situado de base comunitária. In Bartholo, R; Sansolo, D. G. & Bursztyn, I. Org. *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. BRASIL.

- Becker, D. F. Org. (1999). *Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade?*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2.ed.
- Beni, M. C. (2001). *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: SENAC.
- Beni, M. C. (2003). *A Política de Turismo*. In Trigo, L. G. G. Org. *Turismo: como aprender, como ensinar*, Vol. 1. 3. ed. São Paulo: Senac. P. 177-202.
- Beni, M. C. (2006). *Política e planejamento de turismo no Brasil*. São Paulo: Aleph.
- Borba, M^a A. B. (2006). *Saberes e fazeres do povo: resgate da cultura popular na Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária. UFPB.
- Coriolano, L. N. de M. T. (2009). O turismo comunitário no nordeste brasileiro. In Bartholo, R.; Sansolo, D. G. & Bursztyn, I. Org. *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. BRASIL.
- Cara, R. B. (1996). El turismo y los procesos de transformación territorial In RODRIGUES, A. B. *Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: Hucitec.
- Cavalcanti, K. B. & Da Hora, A. S. S. (2003). Turismo Pedagógico: conversão e reconversão do olhar. In Rejowski, M. (org.). *Turismo Contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão*. São Paulo: Atlas. P. 208-228
- Hall, M. C. (2001). *Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos*. São Paulo: Contexto. Coleção Turismo Contexto.
- Sansolo, D. G. (2009). Centralismo e participação na proteção da natureza e desenvolvimento do turismo no Brasil In Bartholo, R.; Sansolo, D. G. & Bursztyn, I. Org. *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Brasil.
- Souza, M. L. de. (2013). *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Vilar, J. W. C. & Araújo, H. M. org. (2010). *Território, meio ambiente e turismo no litoral sergipano*. São Cristóvão: Editora UFS.
- Vieira, L. V. L. & Almeida, M^a G. de (2010). Da pesca ao Turismo de Base Comunitária no povoado de Terra Caída (Indiaroba-Se): o espaço rural com “outras caras” In Vilar, J. W. C. & Araújo, H. M. Org. *Território, meio ambiente e turismo no litoral sergipano*. São Cristóvão: Editora UFS.
- Zaoual, H. (2009). Do turismo de massa ao turismo suado: quais as transformações? In Bartholo, R; Sansolo, D. G. & Bursztyn, I. Org. *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Brasil.